
Jorge Olímpio Bento ¹

¹ Diretor da Revista Portuguesa
de Ciências do Desporto

<https://doi.org/10.5628/rpcd.11.03.09>

Nota Editorial
Desporto e Filosofar:
Modelos de Corpo
e Pessoa.

E

A pessoa e o seu corpo são um artefacto da cultura. Ora o desporto, com origem nos primórdios da civilização, é a forma cultural de exercitação mais praticada e consumida no universo; logo é enorme o seu potencial para a modelação das pessoas e do seu corpo.

Como sempre, impõe-se aqui e agora um interrogatório acerca das várias instrumentalizações do desporto. Que modelos de pessoa e de corpo inspiram o labor e saem da oficina desportiva? Qual o equilíbrio entre os princípios e valores antropológicos, autotélicos, internos e constituintes do desporto e os fins externos ou instrumentais? Como está o equilíbrio entre o princípio da utilidade e o da felicidade?

Necessitamos de passar à ofensiva. O desporto não pode contentar-se em ser um reflexo daquilo que o aperta, cerca, condiciona e desfigura. Tem que exercer a função de influenciador e indutor do mundo e da nossa vida, de outro mundo e de outra vida.

As circunstâncias impõem-nos a necessidade e o dever de voltar a formular e divulgar utopias. Necessitamos de reinventar palavras novas, leves, azuis, substantivas, aumentativas, aladas, criadoras, que nos retirem da penumbra e do descaso, de um estado envergonhado e devolvam a iniciativa e ousadia.

Reflitamos acerca da entidade desportiva, daquilo que já é e do mais que pode e deve ser, das 'coisas' intangíveis e da medida dos valores humanos e universais em que se revê. Dos anti-valores que está a acoitar e promover.

Falemos dos fins que a determinam, da incumbência que lhe toca cumprir, dos quadros que visamos formar. À nossa função pertence também compor canções e falar de flores, inspirados na exortação do paraibano Geraldo Pedrosa de Araújo Dias, mais conhecido como Geraldo Vandrê:

Vem, vamos embora

Que esperar não é saber.

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer.

Entre as amargas e nítidas marcas desta nossa era líquida destacam-se as seguintes:

- Crise da identidade;
- Manipulação e instrumentalização mediáticas das pessoas;
- Destruição dos laços e das instituições de relacionamento inter-humano, de solidariedade e integração;
- Restauração da inospitalidade e do modelo *Homo homini lupus* — *O homem é o lobo do homem* (alusão à ferocidade com que os 'hominianos' procuram prejudicar-se mutuamente);
- Esquecimento e desaparecimento da consideração pelo Outro;
- Ressurgimento da visão do Outro como ameaça, como um produto 'tóxico' e pestífero, que deve ser defenestrado e espantado como qualquer praga medieval, com barulho e fogo;
- Avanço do nevoeiro do medo, do pânico e violência e triunfo da pulsão da morte;
- Modernização da crueldade;
- Progressão da exclusão e marginalização;
- Florescimento desafortado de 'indústrias' que exploram o capital dos receios, incertezas e inseguranças;
- Desintegração gradual da vida social propriamente dita;
- Substituição das relações entre as pessoas por relações entre pessoas e coisas;
- Erosão e desaparecimento paulatinas do espaço público, da *ágora*, da *acrópole*, da praça e rua como locais de aprendizagem, discussão e estabelecimento de acordos e normas, de socialização e partilha, de oportunidades de cultivo de relações interpessoais.

Isto quer dizer que, entre os genes do homem, continuam vivos e de boa saúde os genes do preconceito, da intolerância e indiferença, da dificuldade em aceitar e incluir o Outro, o diferente, o estranho, o estrangeiro. O animal uiva e relincha dentro de nós, espreitando o mínimo pretexto para se anunciar. Pelo que o mandamento — *Não matarás ... Amarás o próximo como a ti mesmo* — não perdeu atualidade e validade.

Como salienta Ronaldo Monte, “perdemos a ligação com o outro e o pouco de erotismo que nos sobra serve, mal e porcamente, para manter uma individualidade inútil e destrutiva. Estamos no pleno regime da pulsão de morte (...) O projeto humano fracassou. Resta-nos abandoná-lo e, a partir dos seus escombros, tentar construir o projeto de outro animal. Um animal solidário, com outro nome que a solidariedade nos dará.”

A atenção para o Outro e para as questões da humanidade tornou-se o bem, talvez, mais escasso. Vivemos a contradição radical entre sermos matricialmente morais — nas nossas escolhas e responsabilidades — e lidarmos com realidades imorais.

Nesta sociedade estilhaçada e nesta vida de fragmentação, que privatiza e coloca na esfera individual as obrigações e responsabilidades sociais, como resolver o dilema e adotar uma atitude moral que leve em conta o Outro? Como pode prosperar humanamente um ser cuja constituição moral íntima a voltar-se para o Outro, se este não existe ou, dizendo melhor, existe como perigo, risco e ameaça? ¹

Muitos temas e apoquentações escaldantes derivam desta sociedade liquefeita para a descomunal empresa dos académicos e intelectuais na construção de uma moral incondicional, liberta das peias das condições e circunstâncias e dos interesses dominantes.

No fundo a humanidade — hoje como sempre — continua por civilizar. É notória a necessidade de persistir nesse intento, de reforçar esse investimento e de instituir, aumentar e mobilizar os meios e modos de cultivo da paz. E de lhes dar visibilidade.

Não chegamos ao fim da história. O fabrico do homem novo não passa de uma miragem alienante. O Homem, como ideal galvanizador, está e estará, em todos os tempos e lugares, a desafiar a convergência de esforços e meios para o realizar. Na cultura, na educação, no desporto. Atendendo ao ensinamento de Homero (séc. 9 a.C.): “Leve é a tarefa, quando muitos dividem o trabalho.”

Nascemos prematuros e demasiado pequenos, com uma invalidez originária, a pedir a intervenção de toda uma larga panóplia de próteses para ser colmatada. Nascemos para ser humanos. Nascemos para Humanidade. Ou seja, a nossa natureza biologicamente humana carece de ser confirmada por um segundo nascimento, pelo contágio social e cultural com os outros.

Para alcançarmos a condição humana não basta a espontaneidade natural; requer-se a libertação artificial. Para ser humano — bom ou mau — é preciso sempre a intervenção da *arte*.

Para ser homem não basta nascer, é necessário também aprender. Aprender através do relacionamento com os nossos semelhantes, do ensino e transmissão deliberada de normas, técnicas, conhecimentos e memórias, através de olhares de aprovação e aceitação, como nos diz Conceição Cavalcanti:

1 — Zygmunt Bauman, VIDA EM FRAGMENTOS: Sobre a Ética Pós-Moderna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

*Somos seres de relação. Desde muito cedo, queremos pertencer a algo e a alguém. Diferentemente dos outros animais, precisamos de cuidados durante um período de vida muito mais longo. Seremos guiados e educados por pais, professores, parentes próximos ou pessoas designadas, pessoas que serão referência e influenciarão nossa forma de estar na vida. Precisamos de alguém que cuide, alimente, aqueça e nos apresente ao mundo novo do qual começamos a participar (...) Somos bichos de sentimentos, emoções e vontades. Sentimos saudades, temos desejos e necessidade. Desejamos ser especiais, ansiamos por um olhar de aprovação e palavras de aceitação.*²

Face a este panorama é curial reafirmar que o Humanismo não consiste em retraimento e exclusão e que os Outros são o centro de nós mesmos. E importa sustentar que o desporto, como uma criação humanista, é fundamentalmente uma *pedagogia e filosofia do trato humano do Outro*.

A *alteridade* é a pedra basilar do desporto. Este é essencialmente uma instituição dependente do Outro, uma forma de relacionamento com o Outro. Sem o Outro, ele não existiria, tal como não existiriam a vida, a sociedade e o mundo. Logo o Outro é um valor, uma entidade valiosa e portadora de alta cotação, digna portanto de apreço, consideração e respeito. E também de gratidão, porque muito do que somos vem-nos do Outro, da sua antagónica cooperação, da sua desafiante e cooperante oposição, da sua convergente '*con-corrência*' e '*com-petição*', das suas diferenças que são um traço de completude e união.³

A competição não é um combate de vida ou de morte. Os '*com-petidores*' e '*con-correntes*' são parceiros e suportes do agonismo mútuo; não são inimigos para abater, depreciar, esmagar, destruir ou eliminar. Como disse George Bernard Shaw (1856-1950), "dependemos todos uns dos outros, cada um de nós na Terra".

Por isso mesmo o desporto é uma maneira de olhar o Outro, dá-nos bitolas para um modo superior de o avaliar, apreciar e admirar. Em suma, ensina a projetar sobre o Outro a luz da cordialidade e razão.

Fernando Savater define inequivocamente a competição desportiva como um contrato baseado na adesão tácita ao princípio da igualdade: "Só se pode competir entre iguais: ninguém pode medir as suas forças com os deuses nem com o monarca absoluto ou o representante de uma casta superior. Só quem me reconhece como igual compete comigo e é capaz de camaradagem na rivalidade (...) para competir precisa-se dos demais: ninguém compete só."⁴

2 — Conceição Cavalcanti, Família, Diário de Pernambuco, 15.08.2009.

3 — Vem a propósito referir o preceito de Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944): "Se sou diferente de ti, longe de te prejudicar, eu amo-te."

4 — Fernando Savater, O MEU DICIONÁRIO FILOSÓFICO. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

Igualmente aplica-se ao desporto a feliz definição do Padre António Vieira (1608-1697): “Vencer é avantajarse, competir é medir-se.” Ela lembra uma mais antiga de Platão (427 ou 428-347 a.C.): “Vencer a si próprio é a maior de todas as vitórias.” Sendo que a competição desempenha, na sua essência, uma função de cooperação, uma espécie de conflito cooperativo, ditando uma *ética do jogo e do jogador*: a obrigação de cada um dar o máximo para que o outro se supere e para ser possível alcançar uma prestação de nível superior, social e culturalmente relevante.⁵

É para ensinar e aprender o trato humano que o desporto existe e deve ser perspectivado. Necessitamos de avivar essa função, porque, adverte Fernando Savater, “a humanidade depende em boa medida do que fazemos uns aos outros (...) Não há humanidade sem aprendizagem cultural”, sem aprendizagem do trato humano, dos seus significantes e significados. “Ser-se humano (...) consiste principalmente em ter relações com outros seres humanos. (...) A vida humana boa é vida boa entre seres humanos ou, caso contrário, pode ser que seja ainda vida, mas não será nem boa nem humana.”⁶

Entronca muito bem nesta missão a formulação de Roberto Da Matta, inscrita no *Museu do Futebol*, Estádio Pacaembu, São Paulo: “O amor ao futebol (...) não discrimina tipos físicos e classes sociais (...) O futebol civiliza o pé. Ele mostra como a parte aparentemente mais atrasada e bárbara do corpo pode ser submetida não só às subtilezas do jogo, mas à civilidade do saber ganhar e perder sem ódio, de modo transparente e pelo esforço próprio (...) O ganhador não pode existir sem o perdedor, que terá o triunfo amanhã, mas que hoje na derrota valoriza e legitima a nossa vitória.”

Igualmente perfilham o mesmo registo as apreciações de Vargas Lhosa, Prémio Nobel da Literatura: “Um campo de futebol é um espaço igualitário que exclui todos os tipos de favoritismo ou privilégio.” No gramado, ‘pelado’ ou relvado cada um é avaliado pelo que é, “pela sua habilidade, dedicação, imaginação e eficácia.” O mesmo disse Winston Churchill (1874-1965): “No desporto, na coragem e à vista do céu, todos os homens se encontram em termos de igualdade.”

5 — Charles Chaplin no seu melhor: *Viva!!! Bom mesmo é ir à luta com determinação, abraçar a vida e viver com paixão, perder com classe e vencer com ousadia, porque o mundo pertence a quem se atreve e a vida é muito importante para ser insignificante.*

6 — Fernando Savater, *ÉTICA PARA UM JOVEM*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.